

EDITORIAL

Atravessamos uma quadra temporal complexa, que sofre com os avanços de posições antidemocráticas, controle dos meios de comunicação, estratégias de censura e criação de inimigos imaginários para justificar procedimentos repressivos, como na atual temporada de caça aos professores, acusados de doutrinarem os seus alunos.

Esse movimento, consideradas as particularidades nacionais e embates ideológicos próprios, tem ecoado pelo mundo, expressando, em maior ou menor grau e cruzamentos, uma mistura de primitivismo religioso, anti-intelectualismo, falseamento factual, chauvinismo e vocação autoritária e populista.

Duas organizações que medem o estado da democracia e das liberdades ao redor do mundo, a revista inglesa The Economist (por meio de sua Intelligence Unit) e a ONG americana Freedom House, indicaram em seus últimos relatórios um declínio global nas percepções e nas práticas dos valores democráticos. Numa escala de 1 a 10, a The Economist aponta para a democracia uma queda da média de 5,52, em 2016, para 5,48, em 2017, tendo em vista os 165 países e dois territórios pesquisados. Um total de 89 países retrocedeu, 51 permaneceram estagnados e apenas 27 registraram avanços no período.

Em cenário tão preocupante é sempre útil retomar a assertiva de Antonio Gramsci: “A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece”.

Nossa revista, ao longo dos seus 25 anos, tem mantido o permanente compromisso de estar ao lado de uma comunicação voltada aos efetivos interesses da sociedade, atendendo aos princípios do pluralismo e do acesso à informação qualificada, assim como de uma educação pública, gratuita e dirigida à formação plena de cidadãos – motivo pelo qual vem se empenhando em combater o preconceito, a intolerância e a atual onda de ataques aos docentes e às escolas.

O conjunto de artigos postos à disposição dos leitores neste número da C&E busca subsidiar o sistema educativo e ampliar o debate acerca do papel da comunicação no tempo presente. Neste interregno da crise, como lembrou Gramsci, temos o compromisso de continuar empenhados no sentido de lançar luzes sobre os “sintomas mórbidos”, tentando contribuir para que os valores democráticos não se percam nos desvãos da história.

Estávamos fechando este número da revista quando recebemos a notícia do falecimento da prof. Dra. Maria Aparecida Baccega. Fundadora da C&E e sua primeira editora, houve tempo para fazer a ela uma pequena homenagem lembrando parte de sua trajetória acadêmica. Está dedicada à profa. Baccega esta edição da revista.

Os editores.

